

LETIO DIVINA DO III DOMINGO DA QUARESMA – ano B

1. O evangelista João começa por situar Jesus num momento concreto da história, um tempo, próximo da Páscoa, e um lugar, o templo. A Páscoa judaica é memória da libertação do cativo do Egipto, o templo é sinal da glória do povo judeu que com Deus estabeleceu uma aliança. Só que a presença de Jesus implica colocar a verdade. Por isso Jesus deita por terra as mesas dos cambistas porque eles não podem garantir a liberdade de Deus. Deus não se deixa comprar pelas nossas birras. Deus quer o homem e não os seus bens. Deus oferece-nos todo o seu amor e de nós espera que sejamos um templo de caridade para O acolhermos como o maior de todos os tesouros. Também nós, estamos próximos da Páscoa. Que caminho de conversão e santidade estamos a fazer para sermos mais de Deus? Não estaremos invadidos por mil uma coisas que impedem a verdade de Deus de nos transfigurar?
2. Este evangelho começa com uma agressão física de Jesus, que derruba o comércio e termina com uma agressão psicológica “não se fiava deles!”. Uma aliança sem amor, não faz sentido. Jesus vem para estabelecer uma nova relação de Deus com os homens alicerçada, apenas, no amor. É desta fidelidade de amor que nasce a vida nova do homem. Na relação com Deus não são necessários os acessórios, bois, carneiros e pombas. O imprescindível é o amor. De que acessórios temos que nos libertar na nossa relação com Deus? O que é que Jesus tem que derrubar na nossa vida? Falta de fé, ausência de estudo da Palavra do Senhor, uma caridade sem amor que apenas provoca em nós vaidade, uma participação rotineira e interesseira no culto, uma imagem de Deus à nossa medida, prazer e gosto, um testemunho débil e envergonhado, o aproveitar-me das coisas de Deus para dar nas vistas?

Oração

3. Não sei que dizer, Senhor. A Ti move-Te o zelo pelas coisas de Deus. A mim, tantas vezes, apenas e só os meus egoísmos e a minha “vidinha”, por vezes, tão medíocre. Estou, também, eu sempre à espera de novos sinais. Na casa de Deus, na casa do Pai, acolhe-se quem necessita de amor, de intimidade e de afecto. É esse o sinal que mais nos convence, Senhor: o sinal do teu amor

que Te levou a dar a vida por mim e a ressuscitar para me dares vida em abundância e com a garantia de felicidade. Tu, Senhor, és o sinal definitivo da nossa aliança. O sinal da Tua ressurreição profetiza a minha ressurreição como graça do teu amor.

4. Só após a morte e a ressurreição de Jesus é que foram entendidos muitos dos acontecimentos da Sua vida. Após a Páscoa de Jesus, os discípulos fazem uma espécie de “ flashback cinematográfico” para revisitar todos os acontecimentos da vida do Mestre, agora com uma nova categoria de análise: a ressurreição. Ao gesto dos exploradores da casa do Pai, Jesus oferece novos gestos: milagres que curam e libertam. E diante deste acontecimento, que resposta dar? Tal como os apóstolos temos que acreditar. Acreditar significa reconhecer Jesus como o Messias e fazer Dele o critério da construção da nossa vida. Quando acolhemos o dom da morte e ressurreição de Jesus, tudo muda na nossa vida. A fé, segundo o autor da carta aos Hebreus, é o fundamento das coisas que se esperam e o alicerce das coisas que não se vêem. A fé orienta-nos para o futuro escatológico, a fé está associada aos bens que hão-de vir. A fé genuína leva-nos eficazmente a viver na esperança de que a vida plena e abundante nos é oferecida como dom de Deus. Jesus de Nazaré não é um personagem histórico que levou uma vida dura e exemplar, expôs uma doutrina, morreu heroicamente e passou à história. Ele é o ressuscitado que desde a sua existência transtemporal se apresenta vivo na existência concreta e particular de cada um de nós. Temos que dizer não, a uma imagem light de Jesus, onde Ele nos aparece como um humanista, mas despojado da Sua condição divina. Jesus é Deus-Homem que se compromete com a nossa humanidade para transformar todo o nosso ser em templo de Deus.
5. “Quem vê caras, não vê corações!” Deus tudo conhece, tudo sabe. Conhece a realidade do nosso ser até à intimidade. Conhece as nossas debilidades e do que precisamos para crescer. E em nós nem tudo é perfeito! Precisamos da graça de Jesus que nos salva, que nos perdoa. Jesus sabe que em cada um de nós há um profundo desejo de justiça e de gratuidade, tantas vezes sufocado por experiências e situações de vida que nos tornam pessimistas e

egoístas. Mas será que Jesus pode confiar em mim? Estou disposto a fazer caminho com Ele? Ou prefiro continuar comodamente instalado na minha “vidinha”?

6. Para que haja mudança, para combater a evangelização do PDA (pastoral do deixar andar, numa expressão feliz do Padre Nelson) o plano pastoral da nossa Diocese propõe aos grupos e movimentos, este ano apenas como experiência piloto, campos de férias pastorais, que consiste em grupos que vão para uma comunidade levar e testemunhar o Evangelho pela presença, oração, trabalho e convívio. É uma experiência de levar este TESOURO que é o Evangelho aos outros para nos ajudar a crescer no ser discípulos do Senhor.